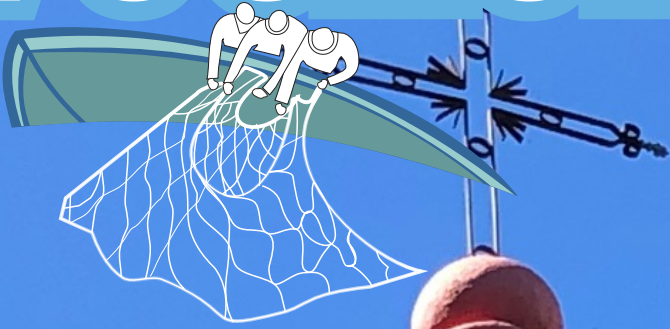
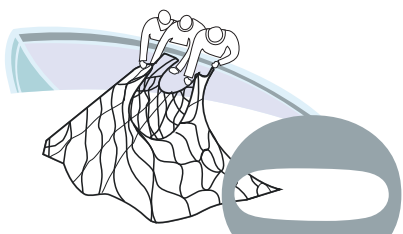


VOCACIONALBA



ATENTOS A TU LLAMADA

La pastoral vocacional en la pospandemia



Contenido

3	Carta Abierta P. Juan Carlos. Operario diocesano
4	O cultivo vocacional em tempo de pandemia Hna. Sirlei do Rocio G. Cordeiro SDP
7	El cultivo vocacional en tiempo de pandemia Hna. Sirlei do Rocio G. Cordeiro SDP
10	Dios sigue llamando. La Pastoral vocacional en la post-pandemia P. Juan Carlos. Operario diocesano
13	Testimonio P. Edgardo Banegas Bardales
14	Testimonio Hna. Maria Luisa Ñaupari Gutiérrez
18	Subsidio "Testigos de Cristo y expertos en comunión" (Vocación a la Vida Religiosa) P. Diego Hernández Rodríguez. Operario diocesano
20	La pastoral juvenil desde la Christus Vivit (2° parte) P. Eduardo Redondo. Operario diocesano
28	El acompañamiento de los jóvenes en el magisterio del Episcopado Latinoamericano (2° parte) P. José Luis Ferré Martí. Operario diocesano

DIRECCIÓN Y DISEÑO

P. Juan Carlos Caballero

EQUIPO DE REDACCIÓN

P. Ariel Zottola
P. Daniel Lascano
P. Ricardo Morales
P. Carlos Da Silva Da Silva
P. Martín Vera
P. Fredy Villacorta Rodriguez

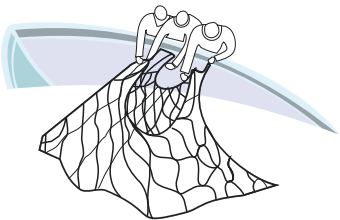
Esta es una revista
de la Hermandad
de Sacerdotes
Operarios Diocesanos
de la Delegación Cono Sur



Editada por:
IPV Peru - Anexo Cusco



Instituto de Pastoral Vocacional
Perú - Anexo Cusco



Carta abierta



P. Juan Carlos Caballero
Operario Diocesano

Abrazar la cruz y seguirlo...

La invitación de Jesús es permanente: seguirlo... con todo lo que esto implica. En tiempos de dificultad, de incertidumbre, donde la crisis vocacional (que ya vivíamos) parece emparejarse con una crisis religiosa... o de fe, sobre todo en la población juvenil. Jesús sigue llamando.

Quizás nosotros debemos afinar nuestros oídos para escuchar su llamada, o dejar de inquietarnos por todo, como si fuese que cualquier respuesta nos conformará, hasta aquellas que no fueron discernidas debidamente... y parar para ver nuestro interior, volver a buscar a Jesús en ese espacio íntimo donde siempre está y desde donde permanentemente quiere conducir nuestra vida.

La animación vocacional siempre tuvo que responder a los desafíos de las diferentes épocas y hoy no es diferente ¿cómo hacer para que sobre todo los jóvenes se sientan atraídos por la propuesta de Jesús? ¿cómo mostrar una Iglesia donde realmente todos podemos encontrar nuestro lugar de realización ¿cómo hacer para que la fe no sea solo un elemento accesorio, sino que se convierta en un estilo de vida? Las problemáticas y los retos están delante nuestro, necesitamos dejarnos iluminar y conducir por el Espíritu Santo que nos dice por dónde y como continuar con nuestro servicio de animación y promoción vocacional.

En este número de VOCACIONALBA Revista Juvenil Vocacional, damos continuidad a los temas planteados en la edición anterior: ¿cómo continuar con nuestra pastoral juvenil vocacional en este tiempo postpandemia? Recordamos que en el N° 20 de nuestra revista reflexionamos sobre la realidad juvenil, ahora queremos profundizar la cuestión vocacional, con las inquietudes y pistas presentadas por la Hna. Sirlei do Rocio G. Cordeiro SDP y el P. Juan Carlos Caballero. También conoceremos al P. Edgardo Banegas, operario diocesano que nos cuenta como fue su proceso vocacional, además conoceremos la experiencia de vida de la Hna. María Luisa Ñaupari Gutiérrez, Dominica del Sagrado Corazón de Springfield Illinois. Ofrecemos para seguir rezando, de manera especial, por la intención del Santo Padre para el mes de febrero, un recurso de hora santa para la vida religiosa. Finalmente, los P. Eduardo Redondo y José Luis Ferrer nos entregan la segunda parte de sus reflexiones, el primero sobre la pastoral juvenil desde la Christus Vivit y el segundo, sobre el acompañamiento vocacional a los jóvenes de Latinoamérica.

Un abrazo fraterno a todos y que Dios nos bendiga...

Ingresar a este link para descargar
todas nuestras revistas



<http://ipvbaires.com.ar/ipv/novedades-2/>



O CULTIVO VOCACIONAL EM TEMPO DE PANDEMIA

Falar de cultivo vocacional em tempo de pandemia pode não parecer muito propício neste momento em que a terra borbulha sentimentos de perdas, de medos, de angústias, de desolações. Uma terra ferida pela dor. Como cultivar algo neste “chão” tão devastado?

Ainda “somos tardos em entender as escrituras”, quantas vezes a vocação nasce e cresce exatamente nos cenários de destruição e de sofrimento. Lembremo-nos das vocações bíblicas, quantas vezes o “chamado” aconteceu em uma realidade de morte: Moisés – a escravidão do povo; Elias – a grande seca; Jeremias – a destruição de Jerusalém e a deportação babilônica, e tantos outros. Aqui também cabe a Palavra de Jesus: “... sabeis discernir a face da terra e do céu; como não sabeis então discernir este tempo?” (Lc 12,56).

Parece-me que uma das nossas dificuldades está em discernir os tempos: o cronológico – que é tempo do relógio, da rotina, e o kairós – que é o tempo oportuno, feito de experiências significativas, que não pode ser “cronometrado”. Meia hora sozinho esperando o ônibus é muito diferente de meia hora com quem se ama, por exemplo. Buscamos fazer com que estes dois tempos caminhem juntos: o que se “conta” (o tic-tac do relógio) e o que dá sentido aquilo que é “contado” (as voltas do relógio que não nos damos conta - “...nem vi a hora passar!”)

Voltando-nos para este momento de pandemia: que tipo de experiências relevantes este tempo pode nos oferecer? Vai depender muito de como o vivenciamos, das coisas que cultivamos e daquilo que amamos. Por isso o cultivo da vocação faz todo o sentido neste tempo, desde que, saibamos ler seus sinais.

Animadores/as Vocacionais e a leitura dos “sinais” do tempo na pandemia

Precisamos parar, observar os sinais e compreender o que este tempo tem a nos dizer. É como se fizéssemos uma consulta do serviço

“meteorológico” de nosso “cultivo vocacional” e refletíssemos nossa prática, buscando um melhor discernimento de nossas escolhas, tudo, porém, à luz da Palavra de Deus.

Neste tempo em que se recomenda evitar muitas saídas e contatos, já que o “vírus” ainda está no ar e com grande força destrutiva; em que o “fique em casa” é ainda um slogan que não saiu de vez de nosso vocabulário e nem de nossa prática, muitos animadores/as vocacionais procuraram adaptar seu modo de atuar tornando-se uma espécie de “influenciadores digitais”. A própria sociedade, fortemente marcada por imagens, e a pandemia, vieram reforçar ainda mais as nossas relações “midiáticas”.

Quais sinais podemos observar a partir disto? É possível notar que algumas destas “performances” vocacionais nas redes sociais nem sempre mostram o Cristo da cruz e o sofrimento dos crucificados deste mundo. Por vezes, a Palavra de Deus é “maquiada” para não perder “seguidores/as” ou para aumentar o número de “curtidas”. Mas o que Jesus nos diria sobre o uso de palavras mais “confortáveis” quanto ao seguimento? Quando Jesus é questionado pelos discípulos sobre a “dureza” de suas colocações - “Dura é essa palavra. Quem consegue ouvi-la?” (Jo 6,60) -, Jesus fala aos doze: “Vocês também não querem ir?” (Jo 6,67). Talvez Ele nos perguntasse, hoje: “Vocês também querem me ‘cancelar’?”.

Também, no afã de multiplicar o número de “seguidores” ocorre, por parte de alguns, compartilhar um número significativo de postagens nas redes sociais, ainda que religiosas: encontros, celebrações, orações, sem uma preocupação real com a profundidade do Evangelho. É um cristianismo, às vezes, feito de aparência, que até toca a emoção, mas não chega a dizer quais são “as razões da esperança que há em nós” (1 Pd 3,15). O que Jesus diria a nós diante disto? Penso que Ele diria algo assim: “As pessoas veem a aparência, mas Deus vê o coração” (1Sm 16,7); que é preciso passar pela cruz: “Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome diariamente a sua cruz e



siga-me” (Lc 9,23); que nossa oração não deve ser midiática, isto é, não é para sermos vistos/as, mas é para entrar no quarto e, “...fechando a porta, ora ao Pai que está lá, no segredo; e teu Pai vê o segredo, te recompensará” (Mt 6, 6); que só a verdade pode nos libertar, principalmente, aquela sobre nós mesmos.

O “substrato” necessário no “cultivo vocacional” em tempo de pandemia

No cultivo de plantas, o substrato, além de ser algo que ajuda a reter líquido, é usado também como suporte para as plantas fixarem suas raízes. Na filosofia, substrato é a parte essencial do ser. No “cultivo vocacional” consideraremos este nosso “substrato” como algo que é a essência do nosso ser e que, ao absorvermos em nossas “raízes vocacionais”, contribuirá para o crescimento vocacional em todos os tempos, principalmente, neste em que estamos vivendo.

Penso que o primeiro destes “substratos vocacionais” está a “contemplação”. Contemplar é se encontrar com o nosso “nada”, nosso vazio, para chegar até Aquele que é Tudo. Para isto precisamos descer até as nossas profundezas, retirar as nossas “máscaras existenciais” e apresentar a nossa “nudez” diante de Deus. É assim que posso responder a finalidade de minha existência: “Quem sou?” e “Para quem sou?” – então encontro o meu chamado vocacional.

Outro “substrato” é o “aprofundamento”. Aprofundar requer “perder tempo” para reflexão, isto vai contra o espírito de “empreendedorismo” que nos impulsiona a pensar inúmeras coisas ao mesmo tempo e dar respostas quase que imediatas. Ao pensar em nossas práticas, às vezes, temos uma programação tão intensa de encontros, lives, celebrações, e outras coisas, que podemos nos perguntar: “Até que ponto eu me aprofundo ao prepará-las ou à assisti-las?”. É necessário fazer algumas escolhas na vida, e isto é uma prática ligada diretamente a uma “cultura vocacional” que nos leva a optar por aquilo que Deus quer e não ao que eu quero.



Um ponto não muito falado que coloco como “substrato” é o “**ócio desintencional**”. O que é isto? É saber descansar despreocupadamente; sem pensar se com o meu descanso vou produzir mais, criar mais, conquistar mais. Lembremo-nos, sempre, que o descanso é tão importante que Deus criou um dia só para isto e o tornou sagrado. Quem corre muito, nem sempre tem tempo para parar e agradecer. Na cura dos dez leprosos (Lc 17,11-19) um só volta para agradecer a Jesus; talvez, os outros estavam já ocupados com a nova vida que ganharam que não queriam “perder tempo” voltando atrás para fazer o reconhecimento da dádiva recebida.

“Equilíbrio entre razão e emoção” é outro “substrato” importante para a vocação, pois são dois componentes fundamentais de nossa vida. O perigo é focalizar muito em um deles e esquecer o outro. Hoje, por exemplo, muitas vezes, a emoção que se vivencia nos cultos, celebrações, encontros, retiros, atrai mais que o aprofundamento da própria fé, mas o “amor que foi derramado em nossos corações” (Rm 5,5) necessita ser vivido com razão e emoção, afim de construir bases sólidas para a nossa fé e então poderemos dizer como Paulo: “Sei em quem acreditei” (2 Tm 1,12).

O último “substrato” apresentado aqui é “**aceitar a vida como ela é**”. Não precisamos ser “o/a melhor”, mas somos convidados/as a buscar o melhor que há em nós, em meio aos nossos fracassos e decepções e também sucessos e realizações. A preocupação maior que devemos ter é o cultivo da nossa “árvore” para que ela possa dar bons frutos. Não existe nada de extraordinário, de grandioso, de espetacular nisto, mas é exatamente nesta simplicidade da vida que encontramos o húmus necessário para que, silenciosamente e lentamente, esta árvore possa crescer e produzir frutos; aceitando também o seu tempo de poda e desbaste, para que possa produzir ainda mais frutos.

Conclusão

Pensar sobre o cultivo vocacional neste tempo pandêmico, ajuda-nos a compreender melhor nosso trabalho vocacional. A mídia, as tecnologias existentes são importantes, seria quase uma negligência, caso não as utilizássemos em nosso “cultivo das vocações”. O importante é entender nossas atitudes diante daquilo que nos é oferecido e daquilo que podemos oferecer.

Neste mundo tão “midiático”, de tantas imagens e ilusões, é necessário não perdemos a consciência de que Deus nunca nos deixa de amar e chamar, que podemos vencer os momentos mais difíceis da vida através do amor e da solidariedade entre nós e que a vida é dom e ela se dá por pura gratuidade. “Hoje o tempo favorável, é hoje o dia da salvação” (2 Cor 6,2), o Senhor espera por você!



Hna. Sirlei do Rocio
G. Cordeiro, SDP



EL CULTIVO VOCACIONAL EN TIEMPOS DE PANDEMIA

Hablar de cultivo vocacional en tiempos de pandemia puede no parecer muy propicio en este momento en que de la tierra brotan sentimientos de pérdida, de miedos, de angustia, de desolaciones. Una tierra herida por el dolor. ¿Cómo cultivar algo en este "suelo" tan devastado?

Acaso "somos lentos para entender las Escrituras", no vemos con qué frecuencia la vocación nace y crece exactamente en los escenarios de destrucción y sufrimiento. Recordemos las vocaciones bíblicas, cuántas veces la "llamada" sucede en una realidad de muerte: Moisés – la esclavitud del pueblo; Elías – la gran sequía; Jeremías – la destrucción de Jerusalén y la deportación babilónica, y tantos otros. Aquí también está la Palabra de Jesús: "... sabes discernir la faz de la tierra y del cielo; ¿cómo no puedes discernir esta vez?" (Lc 12,56).

Creo que una de nuestras dificultades radica en discernir los tiempos: el cronológico –que es la hora del reloj, la rutina y el kairós– que es el tiempo oportuno, hecho de experiencias significativas, que no pueden ser "cronometradas". Media hora a solas esperando el autobús es muy diferente a media hora con quien uno ama, por ejemplo. Buscamos hacer que estos dos tiempos caminen juntos: lo que se "cuenta" (el tic-tac del reloj) y lo que da sentido a lo que se "cuenta" (las vueltas del reloj que no nos damos cuenta - "... ¡Ni siquiera vi pasar la hora!")

Mirando este momento pandémico: ¿qué tipo de experiencias relevantes nos puede ofrecer este tiempo? Dependerá mucho de cómo lo experimentemos, las cosas que cultivemos y lo que amamos. Es por eso que el cultivo de la vocación tiene un perfecto sentido en este momento, siempre y cuando sepamos leer sus signos.

Animadores y la lectura de las "signos" de los tiempos en la pandemia

Necesitamos detenernos, observar los signos y entender lo que este tiempo tiene para decirnos. Es como si hiciéramos una consulta al "servicio meteorológico" de nuestro "cultivo vocacional" y reflejáramos nuestra práctica, buscando un mejor

discernimiento de nuestras elecciones, todo a la luz de la Palabra de Dios.

En este tiempo, se recomienda evitar muchas salidas y contactos, ya que el "virus" sigue en el aire y con gran fuerza destructiva; el "quédate en casa" sigue siendo un eslogan que no ha salido de nuestro vocabulario ni de nuestra práctica, muchos animadores vocacionales han buscado adaptar su forma de actuar convirtiéndose en una especie de "influencers digitales". La propia sociedad, fuertemente marcada por las imágenes, y la pandemia, han fortalecido aún más nuestras relaciones "mediáticas".

¿Qué señales podemos observar de esto? Es posible notar que algunas de estas "performances" vocacionales en las redes sociales no siempre muestran al Cristo de la cruz y el sufrimiento de los crucificados de este mundo. A veces la Palabra de Dios es "inventada" para no perder "seguidores" o para aumentar el número de "me gusta". Pero, ¿qué nos diría Jesús sobre el uso de palabras más "cómodas" con respecto al seguimiento? Cuando los discípulos le preguntan a Jesús acerca de la "dureza" de sus expresiones: "Es difícil esa palabra. ¿Quién puede escucharla?" (Jn 6,60) -, Jesús dice a los doce: "¿También quieren irse?" (Jn 6,67). Tal vez Él nos preguntaría hoy: "¿Tú también quieres cancelarme?"

También, en el esfuerzo de multiplicar el número de "seguidores", algunos comparten un número significativo de *posts* en redes sociales, aún religiosos: encuentros, celebraciones, oraciones, sin una preocupación real por la profundidad del Evangelio. Es un cristianismo, a veces hecho de apariencia, que incluso toca la emoción, pero ni siquiera dice cuáles son "las razones de esperanza que están en nosotros" (1 Pe 3:15). ¿Qué nos diría Jesús frente a esto? Creo que Él diría algo como esto: "La gente ve la apariencia, pero Dios ve el corazón" (1 Sam 16:7); que es necesario pasar por la cruz: "Si alguno quiere venir en pos de mí, niéguese a sí mismo, tome su cruz diariamente y sígame" (Lc 9, 23); que nuestra oración no sea



Creo que el primero de estos "sustratos vocacionales" es la "contemplación". Contemplar es encontrarnos con nuestra "nada", nuestro vacío, hasta alcanzar a Aquel que es Todo. Para ello debemos descender a nuestras profundidades, quitarnos nuestras "máscaras existenciales" y presentar nuestra "desnudez" ante Dios. Así es como puedo responder al propósito de mi existencia: "¿Quién soy?" y "¿Para quién soy?" – entonces encuentro mi llamado vocacional.

Otro "sustrato" es la "profundización". Profundizar requiere "perder tiempo" en la reflexión, esto va en contra del espíritu de "emprendedurismo" que nos impulsa a pensar innumerables cosas al mismo tiempo y dar respuestas casi inmediatas. Cuando pensamos en nuestras prácticas, a veces tenemos un calendario tan intenso de reuniones, lives, celebraciones y otras cosas, que podemos preguntarnos: "¿En qué momento profundizo en prepararlos o verlos?". Es necesario tomar algunas decisiones en la vida, y esta es una práctica directamente vinculada a una "cultura vocacional" que nos lleva a elegir lo que Dios quiere y no lo que yo quiero.

El "sustrato" necesario en el "cultivo vocacional" en tiempos de pandemia

En el cultivo de plantas, el sustrato, además de ser algo que ayuda a retener el líquido, también se utiliza como soporte para que las plantas fijen sus raíces. En filosofía, el sustrato es la parte esencial del ser. En el "cultivo vocacional" consideraremos este nuestro "sustrato" algo que es la esencia de nuestro ser y que, absorbiéndolo en nuestras "raíces vocacionales", contribuirá al crecimiento vocacional en todo momento, especialmente en este que estamos viviendo.



Otro punto no muy mencionado que presento como "sustrato" es el "ocio desinteresado". ¿Qué es esto? Es saber descansar despreocupadamente; sin pensar si con mi descanso produciré más, crearé más, conquistaré más. Recordemos siempre que el descanso es tan importante que Dios creó un día solo para esto y lo hizo sagrado. Los que corren mucho no siempre tienen tiempo para detenerse y dar las gracias. Al sanar a los diez leprosos (Lc 17, 11-19) uno vuelve a dar gracias a Jesús; quizás, los demás ya estaban ocupados con la nueva vida que ganaron que no quisieron "perder el tiempo" volviendo a hacer el reconocimiento del regalo recibido.

El "equilibrio entre razón y emoción" es otro "sustrato" importante para la vocación, ya que son dos componentes fundamentales de nuestra vida. El peligro es centrarse demasiado en uno de ellos y olvidarse del otro. Hoy, por ejemplo, la emoción que a menudo se experimenta en los servicios, celebraciones, reuniones, retiros, atrae más que la profundización de la fe, pero el "amor que se ha derramado en nuestros corazones" (Rom 5: 5) necesita ser vivido con razón y emoción, para construir bases sólidas para nuestra fe y entonces podemos decir como Pablo: "Sé en quién creía" (2 Tm 1:12).

El último "sustrato" presentado aquí es "aceptar la vida tal como es". No necesitamos ser "los mejores", pero estamos invitados a buscar lo mejor que hay en nosotros, en medio de nuestros fracasos y decepciones y también de éxitos y logros. La mayor preocupación que debemos tener es el cultivo de nuestro "árbol" para que pueda dar buenos frutos. No hay nada extraordinario, de grande, de espectacular en esto, pero es precisamente en esta sencillez de vida donde encontramos el humus necesario para que, silenciosa y lentamente, este árbol pueda crecer y dar fruto; aceptando también su tiempo de poda y raleo, para que pueda dar aún más fruto.

Conclusión

Pensar en el cultivo vocacional en este tiempo de pandemia nos ayuda a comprender mejor nuestro trabajo vocacional. Los medios de comunicación, las tecnologías existentes son importantes, serían casi una negligencia si no las usáramos en nuestro "cultivo de vocaciones". Lo importante es entender nuestras actitudes hacia lo que se nos ofrece y lo que podemos ofrecer.

En este mundo tan "mediático", de tantas imágenes e ilusiones, es necesario no perder la conciencia de que Dios nunca deja de amarnos y llamarnos, de que podemos superar los momentos más difíciles de la vida a través del amor y la solidaridad entre nosotros y que la vida es un don y se da por pura gratuidad. "Permaneced en el tiempo favorable, hoy es el día de la salvación" (2 Co 6,2), ¡el Señor nos espera!



**Hna. Sirlei do Rocio
G. Cordeiro, SDP**



DIOS SIGUE LLAMANDO

La Pastoral Vocacional en la Post-pandemia

Que las inquietudes no dejen de atraernos... que el proyecto de vida, sobre todo aquel que Dios nos propone, no se opaque por la niebla de la incertidumbre y la realidad que parece no querer sonreír... Son los deseos lógicos de este tiempo.

Es verdad que la pandemia hizo tambalear muchas de nuestras prácticas pastorales y nos desafió a abrirnos a nuevos métodos y horizontes que parecían, hasta hoy, no tan necesarios o solo se mencionaban teóricamente. Por ejemplo **“estar presentes en los ámbitos juveniles”**, hasta antes de la pandemia los jóvenes aceptaban nuestras invitaciones, venían a nuestros centros pastorales y a nuestras Iglesias, en realidad ellos estaban presentes en nuestros ámbitos pastorales, pero con la virtualidad la cosa cambió, con nuestras casas cerradas teníamos que entrar en el mundo virtual, pero no solo para espiar lo que ellos hacen, sino para comunicarnos e interactuar... muchos allí quedamos indefensos.

El desafío de **“vivir la alegría permanente del Evangelio”**, que todos lo hacemos desde la lectura diaria, la meditación y el compartir de algunos mensajes, venía dando sus frutos; pero en este tiempo donde no podíamos reunirnos, era todo un desgaste pensar acciones donde todos puedan participar, evitar que se cansen o se distraigan por pasar varias horas sentados en la computadora. Para muchos, el trabajo fue llevar lo que se tenía preparado para encuentros,

retiros y jornadas a la computadora y hablar, mostrar diapositivas, algún video... todo eso funcionó muy bien en los primeros meses, pero después se tornó casi imposible de sostener.

Podemos seguir citando otras situaciones, aunque no sean tan necesarios... alcanza con hacer memoria de todo lo que fuimos haciendo en estos años de pandemia.

Ya en los años previos a la pandemia la reflexión pastoral juvenil y vocacional venía buscando respuestas sobre la crisis vocacional, reflejada en seminarios con gran disminución de candidatos, casa religiosas con un panorama semejante, servicios de animación vocacional que parecían no alcanzar las metas deseadas por los agentes de pastoral... reinaba la inquietud de “que hacer, como hacer...” sobre todo para atraer vocaciones o para que los jóvenes se cuestionen y se animen a discernir lo que Dios quiere para sus vidas.





La vuelta a la presencialidad casi pospandémica nos presenta un panorama aparentemente más “gris”: por un lado, la crisis de las vocaciones específicas sigue agudizándose, la dificultad para el discernimiento en los jóvenes también es más profunda y, por otro, cuando desde nuestras casas, parroquias y centros pastorales volvimos a invitar... algunos ya no volvieron o tuvieron muchos problemas para hacerlo.

El vacío que produjo la pandemia obligó a muchos a cambiar sus focos de interés, a buscar nuevas actividades y obligaciones, al mismo tiempo que se ponía “en jaque” la fe personal, la relación con Dios, los hábitos religiosos-litúrgicos y el lugar que

ocupaba la Iglesia con sus propuestas pastorales. El hecho de cerrar todo obligó a muchos jóvenes a iniciar una gran “diáspora”, de la que hoy cuesta mucho retornar. Entonces ¿qué hacemos? ¿qué respuestas podemos dar desde nuestra pastoral (juvenil) vocacional?

Nuestra reflexión pastoral, como mencionábamos, nos ha ayudado a conocer y tratar de comprender las diversas realidades que afectan a nuestros jóvenes, desde todos los ámbitos, con herramientas científicas muy depuradas que a medida que avanzamos nos muestran con mayor precisión los diferentes problemas que debemos enfrentar... pero seguimos sin encontrar la luz en el camino que nos ayude a dar las respuestas que todos deseamos. Apoyados en todo el camino ya recorrido, podemos ir esbozando algunas notas que, sobre todo nos animen a seguir trabajando en la promoción de las diferentes vocaciones en la Iglesia y recuperar el entusiasmo por el discernimiento dándole a Dios su espacio en nuestros proyectos de vida.

Fundamentalmente es un tiempo que nos invita a recuperar las raíces de nuestro trabajo pastoral para desde allí revitalizar nuestros esfuerzos.

Animarnos a recuperar el anuncio kerigmático.

Si Jesús no es mencionado será olvidado, o al menos, no recordado a la hora de pensar el camino de nuestra vida. Volver a centrar nuestra mirada en Jesús y su mensaje, en el fondo es Él quien nos llama, sin cansarse; y su Palabra es la única que puede adaptarse a todas las culturas, idiomas, lenguajes y estilos. A veces tenemos miedo de profundizar y solo nos centramos en propuestas pastorales muy entretenida, animadas..., pero poco evangelizadoras o poco kerigmáticas; con la excusa de que al joven no le llega el mensaje evangélico, no cree, se aburre cuando se habla de Dios, terminamos silenciándolo. No podemos renunciar a la profundidad del mensaje evangélico. Jesús nunca se cansa de llamar y de suscitar lugares de encuentro, solo necesitamos volver a enfocar nuestra mirada y nuestros corazones en Él.

Animarnos a recuperar lo esencial de nuestra vocación bautismal.

Si queremos construir una cultura vocacional que proponga un estilo significativo para la vida de nuestros jóvenes, debemos reencender nuestra identidad más esencial y específica: somos bautizados, discípulos misioneros de Jesús, como cristianos esa es nuestra identidad... una identidad que exige centrarnos en la Palabra, recuperar el brillo litúrgico y celebrativo, proponer espacios juveniles de discernimiento, encuentro y reflexión.

DIOS

TE ESTÁ LLAMANDO, NO LO HAGAS ESPERAR



Animarnos a caminar junto con los jóvenes, para acompañar sus proyectos de vida y también para incluirlos en nuestros equipos de pastoral y pensar juntos los caminos a seguir en los servicios de animación vocacional. Una pastoral juvenil vocacional necesita ser vivida **“en equipo”** por jóvenes y por adultos que comulguen en visión y deseos, para seguir presentando a un Jesús atractivo y significativo.

Animarnos a pastoral vocacional reparadora, atenta a recibir a aquellos que se sienten fragmentados, con dificultades para vivir la fe, lejos (aunque solo en apariencia) de Jesús y más lejos o hasta indiferentes de la Iglesia. Jóvenes viviendo como equilibristas existenciales, tratando de responder a sus propias búsquedas, a los dramas familiares, a su presente y a un futuro que no es claro por la triste ausencia de Dios.

Animarnos a pastoral vocacional enfocada en las familias, refugio seguro redescubierto en estos

tiempos de pandemia; pero al mismo tiempo blanco permanente de ataques ideológicos, sociales, que buscaban debilitarla en su irrenunciable misión catequística y educadora, formadora de nuevas generaciones comprometidas con aquellos valores humanos siempre reconocidos y admirados en los cristianos de todas las épocas.

Dios sigue invitando a lanzar nuestras redes, a navegar mar adentro, a abrazar nuestra cruz y seguirlo... Dios sigue pidiendo permiso para involucrarse en la vida de la humanidad, nuestra pastoral vocacional y juvenil debe ser una puerta privilegiada y especial para que Dios entre, nos hable y nos vuelva a conquistar con su proyecto.

P. Juan Carlos Caballero
Operario Diocesano



Mi proceso vocacional

**“Caminante, no hay camino,
se hace camino al andar”**



P. Edgardo Banegas Bardales

“Caminante, no hay camino, se hace camino al andar”, eso nos dirá esa hermosa canción, y no se aleja de la realidad. En mi caso, fue así. Mi familia es católica pero no muy practicante, hasta que mi único hermano Fernando se hizo misionero, yo lo acompañaba en algunas misiones a pueblos muy remotos, fue ahí donde empecé a escuchar la voz de Jesús en la misma realidad pobre y necesitada de las personas de esos lugares.

Antes de graduarme de la secundaria ya tenía planeado entrar al seminario, pero el desconocimiento y el miedo impidieron eso, entre tanto ingrese a la universidad. Pasaron los años, pero la inquietud del sacerdocio seguía en mi corazón y ya no podía evitar mi respuesta al Señor.

Fue en ese entonces en que unos amigos de forma espontanea me invitaron a unas reuniones de amigos con inquietudes vocacionales, las cuales hablábamos de lo que sentíamos y de lo que vivíamos, en ese momento no me sentí el único con miedo, inquietudes y muchas dudas.

Un día, uno de esos amigos me invitó a platicar con un cura que “era especialista en la vocación”, entonces fui a charlar con él, con la sorpresa que era un cura de la Hermandad de Sacerdotes Operarios Diocesanos. Desde ese momento empecé un proceso con la Hermandad. Hasta que dije que “Si”, luego le comenté a mi familia de mi decisión de irme al seminario, tenían al principio un poco de dudas pero me dieron su apoyo incondicional.

El “Si” que le di al Señor ese día no me arrepiento jamás, pues ha sido lo mejor que me ha pasado en la vida. La vocación es una aventura, un camino que uno va haciendo en el transcurso del tiempo, camino que no lo hacemos solos. Aunque tengamos dudas y miedos, no estamos solos, Jesús al hacernos el llamado jamás nos deja solos.



P. Edgardo... gracias por tu si en Hermandad



**Hermana María Luisa Ñaupari Gutiérrez,
Dominica del Sagrado Corazón de Springfield Illinois**



Empezaré compartiendo mi experiencia desde la figura de Jesús y la mujer samaritana, pues la presencia de las mujeres en la biblia siempre me apasiono, una de ella fue la mujer samaritana que acompañado mi historia vocacional.

UNA OPORTUNIDAD DE COMPARTIR.

“Llega una mujer de Samaria a sacar agua y Jesús le dijo dame de beber” (versículo 7)

Nací en la oroya departamento de Junín. No sé decir cómo empezó mi motivación en la vida religiosa, pero recuerdo desde niña experimente el amor de mis padres por la iglesia y su pasión por el Reino. Sentía que su entrega giraba en torno a la frase “crear u mundo nuevo en especial para los jóvenes”. Ambos siempre inspiraban mi curiosidad por saber que les había enamorado en este trabajo por los jóvenes.

Cuando fui adolescente empecé a participar en grupo juvenil en la parroquia, me encantaba “hacer lio”. Mis recuerdos me trasladan a una imagen de una iglesia alegre donde el encuentro con Jesús era tan coloquial y cercano que lo llamábamos mi “flaquito lindo”. Las hermanas Dominicas de Springfield Illinois que residían en la Oroya eran Mujeres fuertes esto llamo grandemente mi atención, su presencia como mujeres consagradas solo me inspiraba a explorar una forma diferente de servir al mundo, eran mujeres tan proactivas y creativas, la iglesia que ellas me presentaban era cercana y alegre su vida me entusiasmaba intensamente sus sonrisas me animaban y a veces sus tristezas me acercaba a su fragilidad porque me donaban su humanidad como mujeres consagradas.

“Pídemelo tú a mí, y te daré agua viva” versículo 10.

Lo que me impactaba era reconocer que eran mujeres extranjeras y siempre me preguntaba que las había hecho dejar su país y su familia tenía curiosidad por saber porque estaban aquí tan cerca de nosotros y nosotras. Mi búsqueda incesante por descubrir ese Reino de Dios tan anhelado que lo experimenté desde pequeña lo encontré con ellas. Después de un tiempo cuando me invitaron a vivir y convivir con ellas me quedé impresionada y una búsqueda apasionante invadió mi corazón pues había quedado enamorada de su manera de vivir, entonces me encontré que ser Dominica era lo que buscaba y su pasión por este Dios hecho palabra me fascino.





Testigos y discípulos...

Testigos y discípulos...



Han pasado casi 20 años de esta fascinante experiencia en esta vida que me enseñado tanto, he recorrido un camino maravilloso, he amado con intensidad la vida de misión, mi experiencia de oración me ha acercado a Dios a través de mis hermanas y como mujer consagrada tengo el deber de predicar con mi vida a Dios amor a mis hermanos y hermanas del mundo.

UNA RESPUESTA DESAFIANTE

“Señor dame esa agua par que no tenga yo sed, ni vuelva a este pozo a sacarla” (Versículo 15).

En este camino he encontrado con ternura la presencia de este Dios con los pobres, quiero compartir mi vida gastada con pasión que ha marcado mi existencia como religiosa en una de nuestras misiones en la parroquia de Jarpa que se encuentra en el departamento de Junín, en la provincia de Chupaca con sus tres distritos (Jarpa, Yanacancha y Quero) y con más de treinta pueblitos.

Si lo tuviera describir sólo diría que es un paraíso con personas maravillosas, sin duda son los pequeños, los pobres los preferidos de Dios, permanecí diez años en esta parroquia con una actitud la de estar en “tierra sagrada”, no solo me saque las sandalias, sino que me deje transformar por el Dios de la vida que anida en las personas de este lugar.

Su cotidianidad me hablo todos los días del evangelio, me convirtió en una mujer “Buen Pastor”. Me aventure a administrar una parroquia donde difícilmente se ve llegar un sacerdote por distancia geográfica, me enamore cuando bautice a infinidad de persona, me comprometí con mi consagración cada vez que realizada el sacramento del matrimonio.

La vida todos los días me mostro el rostro concreto la de mujeres violentadas, la de niños y niñas sufriente por el poco acceso a una educación digna, en los ancianos olvidados y descartables, me fascine con su vida y su costumbre, pues me amaron y los ame.





UNA VIDA QUE PREDICA VIDA Y ALEGRÍA.

“Muchos samaritanos de aquella ciudad creyeron en él por las palabras de la mujer que atestiguaba: «Me ha dicho todo lo que he hecho.» (Versículo 39)

Su alegría de festejar lo simple me hablo de un Jesús cercano como en las bodas de Caná.

Sus fragilidades y sus miedos me formaron en una mujer valiente, sus gestos de cercanía me forjaron anunciadora de la Esperanza. Hoy podría nombrar a cada persona por su nombre pues se hicieron mis amigos y amigas se convirtieron en mi familia. “Anuncien el Reino está cerca” sus vidas fueron Reino en la mía. Su cotidianidad me hizo predicadora de la vida por que jamás sus sufrimientos y pobreza hizo que venciera a la vida, compartí sus mesas y me sentí pan quebrado, partido y compartido.

Ahora tengo una nueva misión que reta mi vida, pero me acompaña esta experiencia para seguir predicando con fuerza a este Dios de la vida en un mundo que sufre por la pandemia estoy segura que somos vida consagrada para avanzar en sinodalidad sin olvidar a nadie esto es nuevamente un camino que me vuelve a fascina y me impulsa a predicar a tiempo y destiempo.



Hna. María Luisa...
gracias por tu sí





Intención del mes de Febrero:
“por las religiosas y consagradas”...

El Papa Francisco a las mujeres religiosas:

**“Gracias por lo que son, por lo que hacen
y por cómo lo hacen”.**



“Testigos de Cristo y expertos en comunión” (Vocación a la Vida Consagrada).

(Exposición del SSMO, si es el caso, con un canto eucarístico).

Guía: En la presencia viva de Jesús Eucaristía, queremos meditar y orar, en esta Hora Santa de adoración, por las vocaciones a la Vida Consagrada, pensando en tantos hombres y mujeres que son llamados por Dios a seguir a Cristo Jesús de una manera especial por medio de los consejos evangélicos de Castidad, Pobreza y Obediencia; que viven en comunión de vida y se entregan a la misión de construir el Reino de Jesús en las fronteras del mundo, entre los más pobres y necesitados. Iniciamos este encuentro de adoración con el canto:

CANTO: ANTES QUE EL SOL NACIERA

Antes de que el sol naciera – ya me amabas Tu
Antes que la luz brillara – ya me amabas Tu.
/Gracias Señor, por tu amor!/ (2 veces)



Guía: Desde la alborada de la creación y de la vida, Dios sigue llamando a todas las criaturas. Nos llama porque nos ama, como lo hemos expresado en el canto. Con el salmo 8, juntamos nuestra voz a la de toda la creación, expresando nuestra alabanza al Señor de la vida, al Dios que nos llama a cuidar de su obra.

SALMO 8: (cantar el estribillo y un solista lee las estrofas)

Todos: SEÑOR DIOS NUESTRO, QUE ADMIRABLE ES TU NOMBRE EN
TODALATIERRA(2)

Lector 1: Cuando contemplo el cielo, obra de tus dedos, la luna y las estrellas que has creado, ¿qué es el hombre para que te acuerdes de él, el ser humano, para darle poder?

Todos: Señor Dios nuestro...

Lector 1: Lo hiciste poco inferior a los ángeles, lo coronaste de gloria y dignidad, le diste el mando sobre las obras de tus manos, todo lo sometiste bajo sus pies.

Todos: Señor Dios nuestro...

Lector 1: Rebaños de ovejas y toros y hasta las bestias del campo, las aves del cielo, los peces del mar, todo los sometiste bajo sus pies. Todos....

Guía: Oremos:

Todos: Creo, Jesús, que estás presente en el Santísimo Sacramento del altar; Te adoro y te amo como mi Señor, mi Amigo y mi Salvador. Ven espiritualmente a mi alma y a mi corazón y no permitas que jamás me separe de Ti. Mira, Señor, nuestra humanidad, que camina buscando y no encuentra. La vida de muchos sigue marcada fuertemente por el odio, la violencia, la opresión, la guerra, el abandono, la pobreza y la desesperanza. Necesitamos testigos del amor y de la paz, de la justicia y de la verdad. Necesitamos mensajeros animosos del Evangelio, siervos generosos de esta humanidad sufriente. Envía a tu Iglesia santos operarios, numerosos consagrados y consagradas que con su vida, su palabra y su acción apostólica, lleven tu amor y tu salvación al corazón de todos. Amén.





Lector 2: Del Evangelio de San Marcos (Mc. 10,17-22.28-30) “En cierta ocasión se acercó un joven a Jesús y le preguntó: -Maestro, ¿qué debo hacer para obtener la vida eterna?. Jesús le respondió:- ¿porqué me llamas bueno? Solo Dios es bueno. Ya conoces los mandamientos: no matarás, no cometerás adulterio, no robarás, no darás falso testimonio, honra a tu padre y a tu madre. Él contestó:-Maestro, todo eso lo he cumplido desde niño. Jesús lo miró con cariño y le dijo:-Una cosa te falta; vete, vende todo lo que tienes y dáselo a los pobres; así tendrás un tesoro en el cielo. Luego, ven y sígueme. Ante esta respuesta, el joven se entristeció y se alejó, porque poseía muchos bienes... Pedro le dijo a Jesús:-nosotros lo hemos dejado todo y te hemos seguido. Jesús respondió:-Les aseguro que todo aquel que haya dejado casa o hermanos o hermanas o madre o padre o hijos o tierras por mi y por el Evangelio, recibirá aquí en la tierra cien veces más lo que ha dejado, junto con persecuciones, y recibirá en herencia la vida eterna”. Palabra de Dios.



Guía: En el llamado al joven rico, reconocemos una vocación especial al seguimiento de Jesús, más fuerte y profunda que el llamado a la observancia de los mandamientos de la vida cristiana. Es la vocación consagrada, en la que Jesús llama a una vida cristiana más radical y comprometida. Las exigencias de esta consagración nos las recuerdan otras páginas del evangelio:



Lector 3: Del Evangelio de San Lucas (Lc. 9, 57-62) “Mientras iban de camino, uno le dijo:-Te seguiré adondequiera que vayas. Jesús le contestó:-Los zorros tienen madriguera y los pájaros tienen nido, pero el Hijo del hombre no tiene donde reclinar la cabeza. A otro le dijo:-Sígueme. Él contestó:- Señor, déjame primero ir a enterrar a mi padre. Jesús le respondió:- Deja que los muertos entierren a sus muertos; Tú ven a anunciar el Reino de Dios.



P. Diego Hernández Rodríguez
Operario diocesano



LA PASTORAL JUVENIL DESDE LA CHRISTUS VIVIT ^{II° parte}

Conversión pastoral de la PJ. Diez acentos.

1. Una mirada puesta en la hondura del corazón del joven: búsquedas, esperanzas, sueños, heridas...

Ante todo, el tiempo de la juventud y de los jóvenes es un tiempo de búsquedas, esperanzas, sueños... para proyectarse hacia adelante. Conectar con este "corazón inquieto" del joven es ir a la profundidad de su vida. Y se requiere de nosotros acogida, cercanía, y mirada abierta llena de esperanza.

"En algunos jóvenes reconocemos un deseo de Dios, aunque no tenga todos los contornos del Dios revelado. En otros podremos vislumbrar un sueño de fraternidad, que no es poco. En muchos habrá un deseo real de desarrollar las capacidades que hay en ellos para aportarle algo al mundo. En algunos vemos una sensibilidad artística especial, o una búsqueda de armonía con la naturaleza. En otros habrá quizás una gran necesidad de comunicación. En muchos de ellos encontraremos un profundo deseo de una vida diferente. Se trata de verdaderos puntos de partida, fibras interiores que esperan con apertura una palabra de estímulo, de luz y de aliento". (CV 84). ¿No son estos sueños, búsquedas y esperanzas, "un punto de enganche educativo y pastoral", ese "deseo de algo diferente" y de verdad?

"En los jóvenes también están los golpes, los fracasos, los recuerdos tristes clavados en el alma. Muchas veces «son las heridas de las derrotas de la propia historia, de los deseos frustrados, de las discriminaciones e injusticias sufridas, del no haberse sentido amados o reconocidos». Además «están las heridas morales, el peso de los propios errores, los sentimientos de culpa por haberse equivocado»" (CV 83).

"El corazón de cada joven...debe ser considerado "tierra sagrada", portador de semillas de vida divina, ante quien debemos descalzarnos para poder acercarnos y profundizar en el Misterio" (CV 67).

2. Una mirada puesta en la espesura de la existencia histórica de los jóvenes: posibilidades y retos.

Lo primero que llama la atención en una lectura de CV es que hay muchas juventudes. "La juventud no es algo que se pueda analizar en abstracto". "En realidad, "la juventud, no existe, existen los jóvenes con sus vidas concretas" (CV 71). "Existe una pluralidad de mundos juveniles" (CV 68). Es importante tener en cuenta esto a la hora de hacer un análisis sobre los jóvenes para acercarnos a ellos y conocerlos.



Los nn. 71-85 de CV están escritos bajo el título de “Algunas cosas que les pasan a los jóvenes”. La descripción es amplia y digna de ser leída con detenimiento. Estas cosas que le pasan están situadas en una situación histórica de crisis. “Muchas vidas están expuestas al sufrimiento y a la manipulación” (CV 71). En el número 74 se describe los distintos tipos de marginación que sufren muchos jóvenes, especialmente las mujeres. “Muchos jóvenes están inmersos en una “cultura ampliamente digitalizada” (CV 86); afectados por las migraciones, “que huyen de la guerra, de la violencia... de la extrema pobreza” (CV 91); víctimas de “diversos tipos de abuso: de poder, económico, sexual” (CV 95-98). “Este fenómeno está muy difundido en la sociedad y afecta también a la Iglesia” (CV 94). Jóvenes que experimentan formas de exclusión y marginación en el mundo laboral debido al desempleo juvenil (CV 270).

Esa situación lleva a los evangelizadores, en definitiva, a la Iglesia entera, a tener una mirada hacia ellos desde las lágrimas. “No seamos una Iglesia que no llora frente a estos dramas de sus hijos jóvenes, porque quien no llora no sabe ser madre” (CV 75).

También la Exhortación denuncia la “colonización ideológica que daña a los jóvenes” (CV 78), que, por recibir ciertas ayudas de los poderosos, sin embargo, tienen “un alto costo” de colonización y de manipulación por la publicidad, donde los mismos jóvenes son “convertidos en material descartable” (CV 78). Otra denuncia del texto es que la cultura actual presenta la juventud como modelo de belleza y salud, y “los cuerpos de los jóvenes son

constantemente usados en la publicidad, para vender” (CV 79). “Pero esto no es un elogio a los jóvenes” (CV 79), sino una manipulación y un robo de la vida de los jóvenes.

El contexto histórico de hoy también ofrece posibilidades que hemos de explorar. “Hay salida”, así son titulados los nn. 103-110, donde se van desgranando desde “la mañana de la resurrección” (CV 104), caminos de salida. Es necesario que vislumbremos en nuestras diócesis y comunidades, las distintas juventudes y contextos históricos en los que viven.

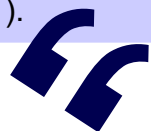
“Exhorto a las comunidades a realizar con respeto y con seriedad un examen de su propia realidad juvenil más cercana, para poder discernir los caminos pastorales más adecuados” (CV 103).

3. Pasar del “no les entiendo” a una actitud de escucha y cercanía a los jóvenes.

Pasar “a su orilla” para escucharlos a fondo sin prejuicios, pues “cuando la Iglesia abandona esquemas rígidos y se abre a la escucha disponible y atenta de los jóvenes, esta empatía la enriquece” (CV 65). Ese ha querido ser el método del Sínodo sobre los jóvenes. “Más importante que el documento es, sin embargo, que se difunda un modo de ser y de trabajar juntos jóvenes y ancianos, en la escucha y en el discernimiento” (Francisco, Ángelus del 28 de octubre 2018). La escucha de la Iglesia encuentra su raíz en la pedagogía divina y en Jesús. “La Iglesia, pues, mediante la escucha, entra en el movimiento de Dios que, en el Hijo, sale al encuentro de cada uno de los hombres” (DF 6).



La Exhortación CV es clara en este tema. “Los jóvenes reclaman una Iglesia que escuche más” (CV 41). “Una Iglesia a la defensiva, que pierde la humildad, que deja de escuchar, que no permite que la cuestionen, pierde la juventud y se convierte en un museo” (CV 41).





“El Sínodo reconoció que los fieles de la Iglesia no siempre tienen la actitud de Jesús. En lugar de disponernos a escucharlos a fondo, “a veces predomina la tendencia a dar respuestas preconfeccionadas y recetas preparadas, sin dejar que las preguntas de los jóvenes se planteen con su novedad y sin aceptar su provocación” (CV 65). El Documento Final del Sínodo al hablar de la escucha a los jóvenes lo relaciona con el ejemplo de Jesús: “El Sínodo ha tratado de mirar a los jóvenes con la actitud de Jesús, para discernir en su vida los signos de la acción del Espíritu” (DF 64). Junto a la escucha está la cercanía a ellos. Una vez más el DF nos ilumina: “La cercanía crea condiciones para que la Iglesia sea un espacio de diálogo y testimonio de fraternidad que fascine” (DF 1). “Nos hace falta crear más espacios donde resuene la voz de los jóvenes” (CV 38). Y no es solo una escucha de arriba-abajo, sino “conformando un caminar juntos” (CV 206) en una pastoral juvenil sinodal.

“La vida privada de muchos sacerdotes, monjas, religiosos y obispos es, sin duda, sobria y comprometida con la gente; pero para la mayoría es casi invisible. Muchos encuentran que nuestro mundo eclesial es difícil de descifrar... Procuremos que nuestra vida ordinaria, en todas sus expresiones sea más accesible. La cercanía efectiva, el compartir espacios y actividades, crean las condiciones para una comunicación auténtica, libre de prejuicios” (DF 130).

4. Del esperar a los jóvenes que vengan, a una pastoral misionera y de primer anuncio.

Venimos de una pastoral de años que “convocaba desde los avisos parroquiales al final de la misa” a los encuentros con los jóvenes. Y si hay una palabra clave en la pastoral es “salir”, una “Iglesia en salida”, que tiene su primer paradigma en Jesús, misionero del Padre. Y en la primera Iglesia, impulsada por el Resucitado y el Espíritu Santo a ser misionera hasta los confines del mundo. La sinodalidad de la Iglesia, si es verdadera, debe ser misionera. Es una “sinodalidad misionera” (DF 118).

“¿A dónde nos envía Jesús? No hay fronteras, no hay límites: nos envía a todos... Y nos invita a ir sin miedo con el anuncio misionero, allí donde nos encontremos y con quien estemos, en el

barrio, en el estudio, en el deporte, en las salidas con los amigos, en el voluntariado o en el trabajo, siempre es bueno y oportuno compartir la alegría del Evangelio. Así es como el Señor se va acercando a todos” (CV 177).

Los jóvenes son los primeros evangelizadores de los jóvenes. “Enamorados de Cristo, los jóvenes están llamados a dar testimonio del Evangelio en todas partes, con su propia vida” (CV 175). “Ustedes sean capaces de ir contracorriente y sepan compartir a Jesús, comuniquen la fe que Él les regaló” (CV 176).

CV da mucha importancia al primer anuncio. Podemos decir que el Capítulo Cuarto es un primer anuncio de Francisco a los jóvenes. Es un anuncio que invita a la fe, desde la suplica, la oración y quiere suscitarla, podíamos decir, desde una “fe suplicada”, orante y trinitaria. Dios te ama; Cristo te salva; El Espíritu te da vida. Ya en EG señalaba: “No puede haber auténtica evangelización sin la proclamación explícita de que Jesús es el Señor” (EG 110).

¿cómo se hace este anuncio primero y misionero a los jóvenes? Rescatamos, en primero lugar un texto de *Evangelii gaudium* que nos indica las actitudes necesarias para realizar este anuncio: “cercanía, apertura al diálogo, paciencia, acogida cordial que no condena” (EG 165). Precioso. Así joven a joven, personal o comunitariamente. Después, lo que dice CV con mucha insistencia: “El primer anuncio puede despertar una honda experiencia de fe en medio de un retiro de impacto, en una conversación en un bar, en un recreo de la facultad, o por cualquiera de los insondables caminos de Dios” (CV 210). “Es necesario acercarse a los jóvenes con la gramática del amor, no con el proselitismo. El lenguaje que la gente joven entiende es el de aquellos que dan la vida, el de quien está allí por ellos y para ellos, y el de quienes, a pesar de sus límites y debilidades, tratan de vivir su fe con coherencia. Al mismo tiempo, todavía tenemos que buscar con mayor sensibilidad como encarnar el kerigma en el lenguaje que hablan los jóvenes de hoy” (CV 211).



5. Una Iglesia que es “hogar” para los jóvenes, que crea “casas de comunión”.

Hoy son muy necesarias la acogida cordial y la capacidad de crear un ambiente familiar en nuestras parroquias e instituciones evangelizadoras y educativas, “porque muchos de los jóvenes que llegan lo hacen en una profunda situación de orfandad... a la cual debemos ofrecer espacios fraternos y atractivos donde se viva con un sentido” (CV 216). Antes que una pastoral de despacho, que puede llevar a planificaciones y complejas programaciones está la acogida en casa. Es el “vengan y lo verán” de Jesús con sus discípulos. Ellos fueron y “vieron donde vivía” (Cf. Jn 1, 35-39).

A imagen de Jesús la Iglesia ha de ser un “hogar” para los jóvenes para “ofrecer caminos de amor gratuito y promoción, de afirmación y crecimiento” (CV 216). A este propósito, hoy, que comenzamos a tener en la Iglesia tantos lugares, locales y espacios vacíos, leemos y transcribimos totalmente el número 218: “En este marco, en nuestras instituciones necesitamos ofrecerles a los jóvenes lugares propios que ellos puedan acondicionar a su gusto, y donde puedan entrar y salir con libertad, lugares que los acojan y donde puedan acercarse espontáneamente y con confianza al encuentro de otros jóvenes tanto en los momentos de sufrimiento o de aburrimiento, como cuando deseen celebrar sus alegrías.

Algo de esto han logrado algunos centros juveniles, donde se encuentran diferentes comunidades de adolescentes y de jóvenes que en muchos casos son ambiente de amistades y de noviazgo, de reencuentros, donde pueden compartir la música, la recreación, el deporte, y también la reflexión, la oración, la misión con pequeños subsidios y diversas propuestas. De este modo se abre paso ese indispensable anuncio persona a persona que no puede ser reemplazado por ningún recurso ni estrategia pastoral”.

“La Iglesia está llamada a ser siempre la casa abierta del Padre” (EG 47), nos recordaba Francisco en *Evangelii gaudium*; aquí nos dice: “crear 'hogares', 'casas de comunión', es permitir que la profecía tome cuerpo y haga nuestras horas y días menos inhóspitos, menos indiferentes y anónimos” (CV 217). “Así la Iglesia podrá presentarse ante ellos como un hogar acogedor, caracterizado por un ambiente familiar, hecho de confianza y seguridad...” (DF 138). La Iglesia madre y “hogar” para los jóvenes se expresa en “gestos concretos y proféticos de una acogida alegre y cotidiana, que haga de ella un hogar para los jóvenes” (DF 138).





6. Una pastoral juvenil popular: abierta a todos.

En el Papa no es novedad la insistencia a una pastoral popular, donde el protagonismo del Pueblo de Dios, las expresiones y cultura del pueblo estén muy presentes, así como la piedad popular y los movimientos populares (Cf. EG 111-126).

Una pastoral juvenil abierta a todos es muy importante. Leamos con detenimiento:

“En el Sínodo se exhortó a construir una pastoral juvenil capaz de crear espacios inclusivos, donde haya lugar para todo tipo de jóvenes y donde se manifieste realmente que somos una Iglesia de puertas abiertas. Ni siquiera hace falta que alguien asuma completamente todas las enseñanzas de la Iglesia para que pueda participar de algunos de nuestros espacios para jóvenes. Basta una actitud abierta para todos los que tengan el deseo y la disposición de dejarse encontrar por la verdad revelada por Dios. Algunas propuestas pastorales pueden suponer un camino ya recorrido en la fe, pero necesitamos una pastoral popular juvenil que abra puertas y ofrezca espacio a todos y a cada uno con sus dudas, sus traumas, sus problemas y su búsqueda de identidad, sus errores, su historia, sus experiencias del pecado y todas sus dificultades” (CV 234).

Es una pastoral inclusiva, como dice, flexible, abierta y que acoja los “liderazgos naturales”, donde sin “tantos obstáculos, normas, controles y marcos obligatorios”, se acompañe y estimule a todo tipo de jóvenes, “confiando un poco más en la genialidad del Espíritu Santo que actúa como quiere” (CV 234).

Es un nuevo estilo, que no sea elitista, de más cercanía al pueblo, acercándonos a los últimos, donde “los líderes populares, entonces, son aquellos que tienen la capacidad de incorporar a todos, incluyendo en la marcha juvenil a los más pobres, débiles, limitados y heridos. No les tienen asco ni miedo a los jóvenes lastimados y crucificados” (CV 231).

7. Hay que proponer una espiritualidad juvenil para el seguimiento de Jesús.

La Exhortación propone una clara espiritualidad juvenil, basada en el seguimiento de Jesús. Una espiritualidad que una la vida de los jóvenes, sus sueños, valores, relaciones y experiencias que constituyen el proyecto de su vida. Para proponer esta espiritualidad hay “dos grandes líneas de acción: Una es la búsqueda, la convocatoria, el llamado que atraiga a nuevos jóvenes a la experiencia del Señor. La otra es el crecimiento, el desarrollo de un camino de maduración de los que ya han hecho esa experiencia” (CV 209). **Y la etapa de**





crecimiento no es solo una etapa de “formación” donde solo se abordan cuestiones doctrinales y morales” (CV 212). Es necesario ofrecer experiencias vivas de encuentro con Jesús. “Jamás debe sustituirse esta experiencia gozosa de encuentro con el Señor por una suerte de “adoctrinamiento” (CV 214).

Es en el Capítulo V, será donde el Santo Padre va exponiendo esta espiritualidad juvenil del seguimiento de Jesús, viva y atractiva:

Tiempo de sueños y elecciones. “¡Vivan! ¡Entréguense a lo mejor!” (CV 143). “El Señor no quiere debilitar estas ganas de vivir” (CV 145). “Es la edad de las decisiones y precisamente en esto consiste su atractivo y mayor cometido” (CV 140).

Iniciarse a la amistad con Jesús. “Experimentar una unidad con Él, que supera todo lo que podamos vivir con otras personas” (CV 156). “Con el amigo hablamos, compartimos las cosas más secretas. La oración es un desafío y una aventura. ¡Y qué aventura!” (CV 155).

Crecer y madurar. “Dejarte amar por Dios, que te ama así como eres... que te ofrece más y más: más de su amistad... más hambre de su Palabra, más deseos de recibir a Cristo en la Eucaristía... más fortaleza interior, más paz y alegría espiritual” (CV 161).

Vivir la fraternidad. “Siempre es mejor vivir la fe juntos y expresar nuestro amor en una vida comunitaria... La Iglesia ofrece muchos espacios... para vivir la fe en comunidad, porque todo es más fácil juntos” (CV 164).

Compromiso con los más pobres. “El compromiso social y el contacto directo con los pobres sigue siendo una ocasión fundamental para descubrir y profundizar la propia fe y discernir la propia vocación...” (CV 170).

Ser misioneros valientes. “No tengan miedo de ir y llevar a Cristo a cualquier ambiente, hasta las periferias existenciales, también a quien parece más lejano, más indiferente” (CV 177).

8. Jóvenes para echar raíces en su vida, en su tierra, y en el corazón del cosmos y de la historia. Y soñadores.

Uno de los capítulos más bonitos de la Exhortación es el Sexto: Jóvenes con raíces. Por sí solo, como *carta dirigida a un joven, sea creyente o no, es una verdadera perla preciosa.*

Dos peligros interesados acechan a los jóvenes: “que rechacen la riqueza espiritual que se fue transmitiendo a lo largo de las generaciones, que ignoren todo lo que les ha precedido” (CV 181). Jóvenes desmemoriados, a- históricos. Y jóvenes adorando su juventud y la belleza de la misma. Esto “les vacía de valores reales, los utiliza para obtener beneficios personales, económicos o políticos (CV 182). Esto “conlleva auténticas formas de colonización cultural, que desarraigan a los jóvenes de la pertenencia a las realidades culturales y religiosas de las que provienen” (CV 185). ¿No lo estamos viendo claramente en nuestro entorno? Aquí se requiere de la Iglesia, junto a la tarea evangelizadora, “un compromiso para acompañarlos en este paso sin que pierdan los rasgos más valiosos de su identidad” (CV 185).

Junto a no perder la identidad histórica y cultural, en la que están sus raíces, el Papa propone educar a valorar, primero, la historia sencilla de la gente corriente con sus valores: “al trabajador que vuelve sucio y desarreglado a casa”, “a la familia junto a la mesa... aunque sea muy pobre”, “a la esposa despeinada y casi anciana, que permanece cuidando a su esposo”, “a esos viejitos que caminan juntos de la mano”. “Hay hermosura más allá... de la estética de moda, en cada hombre y cada mujer que viven con amor su vocación personal... Descubrir, mostrar y resaltar esta belleza, que se parece a la de Cristo en la Cruz, pone los cimientos de la verdadera solidaridad social y de la cultura del encuentro” (CV 183).

Y, segundo, “junto al falso culto a la juventud y apariencia..., hoy se promueve una espiritualidad sin Dios, una afectividad sin comunidad y sin compromiso con los que sufren, un miedo a los pobres vistos como seres peligrosos, y una serie de ofertas que pretenden hacerles creer en un futuro paradisiaco...” (CV 184).



“Les propongo otro camino”, dice Francisco (CV 184). Jóvenes con raíces, unidos a los sueños de los ancianos, con sueños que “les abren el horizonte y les muestran nuevos caminos” (CV 193). “Hemos de asumir con realismo y amor nuestra cultura y llenarla de evangelio. Somos enviados hoy para anunciar la Buena Noticia de Jesús a los tiempos nuevos” (CV 200).

9. La pastoral juvenil y la cultura vocacional necesaria.

Nos podemos preguntar hoy, en toda la Iglesia, ¿que pastoral es, en efecto, aquella que no cultiva la libertad de sentirse llamados por Dios, ni produce cambio de vida? Este es un tema muy importante del Sínodo para los jóvenes, que desde siempre ha estado presente, desde el comienzo hasta el final. Ya todo un capítulo del Documento Final está dedicado a este importante tema. El entramado entre la libertad y la gracia de la elección divina es un Misterio que nos supera, pero “la vocación aparece realmente como un don de gracia y de alianza, como el secreto más bello y valioso de nuestra libertad” (DF 78).

Es muy importante “crear las condiciones para que en todas las comunidades cristianas, a partir de la conciencia bautismal de sus miembros, se desarrolle una verdadera cultura vocacional y un constante compromiso por las vocaciones” (DF 80). La Exhortación dedica el Capítulo octavo a este importante apartado. Y lo hace desde una perspectiva antropológica muy importante. “Todo hombre es una vocación” (Pablo VI). El hombre es un “ser para los demás” y así, desde esta antropología del don, nuestra vida alcanza su verdadero significado cuando es una donación. “Porque nuestra vida en la tierra alcanza su plenitud cuando se convierte en ofrenda... Es algo que yo no puedo arrancar de mi ser si no quiero destruirme. Yo soy una misión en esta tierra, y para esto estoy en este mundo. Por tanto, hay que pensar que: toda pastoral es vocacional, toda formación es vocacional y toda espiritualidad es vocacional” (CV 254).

Por eso hay que ofrecer caminos para que los jóvenes, desde su ser que es don, procuren responder a la llamada como algo vital. “Lo fundamental es discernir y descubrir que lo que quiere Jesús de cada joven es su amistad. Ese es el discernimiento fundamental” (CV 250). “Porque la vida que Jesús nos regala es una





historia de amor, una historia de vida que quiere mezclarse con la nuestra y echar raíces en la tierra de cada uno” (CV 252). Así se ofrecen las llamadas al amor y la familia (CV 259-267); al trabajo (268-273); y vocaciones a una consagración especial (274-277).

10. Una pastoral juvenil del discernimiento.

Otro sello de identidad de Francisco es el discernimiento. Tema muy presente en toda su actividad pastoral y de magisterio. Y cuestión presente en todo el itinerario del proceso sinodal. Además, el discernimiento está muy unido al acompañamiento.

Desde *Evangelii gaudium* y sus palabras sobre el acompañamiento son muchas las iniciativas que se han puestos en marcha en muchas realidades pastorales. “La Iglesia tendrá que iniciar a sus hermanos sacerdotes, religiosos y laicos - en este 'arte del acompañamiento', para que todos aprendan siempre a quitarse las sandalias ante la tierra sagrada del otro” (EG 169). Y también, en CV, se remite a “la Exhortación apostólica *Gaudete et exsultate*.”

Ayudar a los jóvenes a leer su vida y a responder a las preguntas que surgen en su corazón, sobre todo a dos que señala el Papa. “Por eso quiero recordar cual es la gran pregunta: «Muchas veces, en la vida, perdemos tiempo preguntándonos: 'Pero, ¿quién soy yo?'. Y tú puedes preguntarte quién eres y pasar toda una vida buscando quién eres. Pero pregúntate: '¿Para quién soy yo?'. Eres para Dios, sin duda. Pero Él quiso que seas también para los demás, y puso en ti muchas cualidades, inclinaciones, dones y carismas que no son para ti, sino para otros” (CV 286).

Este discernimiento y acompañamiento a los jóvenes encuentra también su paradigma en el Cristo de Emaús. Primero, porque el discernimiento es un camino para pasar a todos, y por supuesto a los jóvenes, a Jesús, a seguirle a Él. Y, una vez hecho esto, el acompañante “tiene que desaparecer para dejar que él siga el camino que ha descubierto. Es desaparecer como desaparece el Señor de la vista de sus discípulos y los deja solos ante el ardor del corazón que se convierte en impulso irresistible de ponerse en camino (Lc 24.31-33)” (CV 296).



P. Eduardo Redondo
Operario Diocesano



(Segunda Parte)

EL ACOMPAÑAMIENTO DE LOS JÓVENES EN EL MAGISTERIO DEL EPISCOPADO LATINOAMERICANO

LA OPCIÓN POR LOS JÓVENES
EN EL CAMINAR DE LA IGLESIA
EN AMÉRICA LATINA

2.3 La IV Conferencia General del Episcopado Latinoamericano: Santo Domingo, 1992

Los diez años y algo más que van entre Puebla y Santo Domingo es un período, a grandes trazos, marcado por los diversos procesos de recuperación y/o transición hacia la democracia. En este tiempo y en el camino de profundizar la misión evangelizadora de la Iglesia, surgieron nuevas problemáticas que ocuparon el lugar central: la misión de los laicos en la Iglesia y en la sociedad, la problemática de los jóvenes y de la familia, la catequesis y la liturgia, la pastoral vocacional, la defensa de la vida desde sus orígenes y hasta su final, la educación y los medios de comunicación^[16]. Éstos serán los grandes temas que enfrentará Santo Domingo y que se expresan en la proclamación de fe con que concluyó el documento de la Conferencia (n. 302).

La Conferencia de Santo Domingo busca desarrollar una continuidad con la línea pastoral iniciada en el Vaticano II y proseguida en Medellín y Puebla (cf. n. 290). Así, haciendo suyo el clamor de los pobres, asume «con renovado ardor la opción evangélica por los pobres, en continuidad con Medellín y Puebla», opción que ha de iluminar toda la acción evangelizadora de la Iglesia, a imitación de Jesucristo (n. 296)^[17].

A la lista de los rostros sufrientes de Jesucristo señalada en Puebla, la mirada a la realidad latinoamericana permite descubrir otros de estos íconos sagrados: «descubrir en los rostros

sufrientes de los pobres el rostro del Señor (cf. Mt 25, 31-46) es algo que desafía a todos a una profunda conversión personal y eclesial» (n. 178). Y así se alarga la lista de los rostros señalados en Puebla, y se especifica aún más los rostros de los jóvenes que son sacramento de Cristo sufriente:

Jóvenes víctimas del empobrecimiento y la marginación social, de la cesantía y subempleo, de una educación que no responde a las exigencias de sus vidas, del narcotráfico, de la guerrilla, de las pandillas, de la prostitución, del alcoholismo, de los abusos sexuales; muchos de ellos adormecidos por la propaganda de los medios de comunicación social y alienados por imposiciones culturales y por el pragmatismo inmediateista que ha generado nuevos problemas en la maduración afectiva de adolescentes y jóvenes (n. 112).

En este cuadro de la realidad latinoamericana, siempre dramático, pero siempre pleno de la novedad pascual actuando en este mundo, Santo Domingo se propone «reafirmar la opción preferencial por los jóvenes proclamada en Puebla» (n. 114). Y pide que esta opción sea hecha «no sólo de modo afectivo, sino efectivamente» (n. 114).

A continuación, a la luz del camino recorrido desde Puebla, explica que esto significa «una opción concreta por una pastoral juvenil orgánica, donde haya acompañamiento y apoyo real, con diálogo mutuo entre jóvenes, pastores y comunidades. Opción efectiva por los jóvenes que exige mayores recursos humanos y materiales por parte de las parroquias y las diócesis» (n. 114).



adolescentes y jóvenes «espacios de participación en la misma Iglesia. Que el proceso educativo se realice a través de una pedagogía que sea experiencial, participativa y transformadora [...] Tal pedagogía ha de integrar el crecimiento de la fe en el proceso de crecimiento humano» (n. 119) Tal afirmación supo acercar la pastoral juvenil a donde «viven y actúan los adolescentes y jóvenes: campesinos, indígenas, afroamericanos, trabajadores, estudiantes, pobladores de periferias, marginados, militares y jóvenes en situaciones críticas» (n. 119).

Hay en Santo Domingo otras orientaciones y especificaciones con respecto a los jóvenes y la pastoral juvenil; entre ellas hay cuatro que merecen especial atención^[18]:

1) Se pide que «se tengan en cuenta y se fortalezcan todos los procesos orgánicos y largamente analizados por la Iglesia desde Puebla hasta ahora» (n. 119). Afirmación que significa un reconocimiento e impulso para el proceso de pastoral juvenil a nivel continental, particularmente animado desde la Sección de Juventud del CELAM.

2) La pastoral juvenil deberá «desarrollar una espiritualidad de seguimiento de Jesús, que logre el encuentro entre la fe y la vida, que sea promotora de la justicia y la solidaridad, que aliente un proyecto esperanzador y generador de una nueva cultura de la vida» (n. 116). Afirmación que apunta a la raíz misma de la experiencia de fe como fuente de una acción transformadora en el mundo.

3) Igualmente, que esta pastoral abra a los

4) En la tarea de la nueva evangelización de nuestros pueblos, «un rol particular corresponde a los laicos, en continuidad con las orientaciones de la exhortación apostólica *Christifideles laici*; entre ellos, siguiendo la invitación constante del Papa, convocaron una vez más a los jóvenes para que sean fuerza renovadora de la Iglesia y esperanza de la sociedad» (n. 293). Afirmación que reconoce a los jóvenes en su condición laical y como sujetos activos en la misión evangelizadora, en una Iglesia que se manifiesta dispuesta a dejarse renovar por ellos y confía en su acción renovadora de la historia.

2.4 V Conferencia General del Episcopado Latinoamericano: Aparecida, 2007

Con esa ocasión el papa Benedicto XVI hizo su primera visita a nuestro continente. Él inauguró la reunión y después los participantes (sobre todo obispos, pero también laicos/os, religiosos/os y sacerdotes) reflexionaron a la luz de la palabra de Dios sobre la situación de nuestro continente para trazar pautas a fin de mejorar la labor de la





Iglesia en estas circunstancias tan retadoras. La temática planteada fue sumamente amplia pues se pretendió abordar todos los asuntos relevantes de nuestra vida actual. Y uno de ellos, muy importante, fue el de los pueblos originarios de nuestro continente^[19].

El documento elaborado habla de estos pueblos en varios momentos. Primero, al volver brevemente a nuestra historia eclesial reconoce los beneficios y los daños y para ello retoma las palabras del Papa en su catequesis del miércoles 23 de mayo de 2007:

Ciertamente el recuerdo de un pasado glorioso no puede ignorar las sombras que acompañaron la obra de evangelización del continente latinoamericano, [...] los sufrimientos y las injusticias que infligieron los colonizadores a la población indígena, pisoteada a menudo en sus derechos fundamentales. Pero el deber de mencionar aquellos crímenes injustificables, condenados ya entonces por misioneros como Bartolomé de las Casas y teólogos como Francisco de Vitoria, [...] no debe impedir reconocer con gratitud la maravillosa obra que ha llevado a cabo la gracia divina entre esas poblaciones a lo largo de estos siglos.

Ya en este apunte histórico quedan señaladas tareas urgentes e importantes en referencia a los pueblos indígenas; pero éstas van quedando más determinadas al describir la situación actual. En varios momentos los obispos hablan de estos pueblos junto con los afroamericanos, que son bastante numerosos en varios países de América del Sur y del Caribe:

Los indígenas y afroamericanos son, sobre todo, “otros” diferentes que exigen respeto y reconocimiento. La sociedad tiende a menospreciarlos, desconociendo su diferencia. Su situación social está marcada por la

exclusión y la pobreza. La Iglesia acompaña a los indígenas y afroamericanos en las luchas por sus derechos (n. 89).

Hoy, los pueblos indígenas y afros están amenazados en su existencia física, cultural y espiritual; en sus modos de vida; en sus identidades; en su diversidad; en sus territorios y proyectos. Algunas comunidades indígenas se encuentran fuera de sus tierras porque éstas han sido invadidas y degradadas, o no tienen tierras suficientes para desarrollar sus culturas. Sufren graves ataques a su identidad y supervivencia, pues la globalización económica y cultural pone en peligro su propia existencia como pueblos diferentes. Su progresiva transformación cultural provoca la rápida desaparición de algunas lenguas y culturas. La migración, forzada por la pobreza, está influyendo profundamente en el cambio de costumbres, de relaciones e incluso de religión (n. 90).

Tras estos párrafos que describe la situación injusta y amenazante en la que se encuentran los pueblos originarios, señala su renovada conciencia y organización que está haciendo de ellos un sujeto emergente que lucha por sus propios derechos y ofrece un aporte para colaborar a la solución de los problemas de nuestro continente^[20]:





Los indígenas y afroamericanos emergen ahora en la sociedad y en la Iglesia. Este es un “kairós” para profundizar el encuentro de la Iglesia con estos sectores humanos que reclaman el reconocimiento pleno de sus derechos individuales y colectivos, ser tomados en cuenta en la catolicidad con su cosmovisión, sus valores y sus identidades particulares, para vivir un nuevo Pentecostés eclesial (n. 91).

Ya en Santo Domingo los pastores reconocíamos que “los pueblos indígenas cultivan valores humanos de gran significación”; valores que “la Iglesia defiende ... ante la fuerza arrolladora de las estructuras de pecado manifiestas en la sociedad moderna”; “son poseedores de innumerables riquezas culturales, que están en la base de nuestra identidad actual”; y, desde la perspectiva de la fe, “estos valores y convicciones son fruto de las

semillas del Verbo’, que estaban ya presentes y obraban en sus antepasados (n. 92).

Y luego enumera con mayor precisión tareas relevantes para quienes deseamos ser discípulos y misioneros de Jesús en el hoy de nuestro continente:

Como Iglesia que asume la causa de los pobres alentamos la participación de los indígenas y afroamericanos en la vida eclesial. Vemos con esperanza el proceso de inculturación discernido a la luz del Magisterio. Es prioritario hacer traducciones católicas de la Biblia y de los textos litúrgicos a sus idiomas. Se necesita, igualmente, promover más las vocaciones y los ministerios ordenados procedentes de estas culturas (n. 94).

Nuestro servicio pastoral a la vida plena de los pueblos indígenas exige anunciar a Jesucristo y la Buena Nueva del Reino de Dios, denunciar las situaciones de pecado, las estructuras de muerte, la violencia y las injusticias internas y externas, fomentar el diálogo intercultural, interreligioso y ecuménico. Jesucristo es la plenitud de la revelación para todos los pueblos y el centro fundamental de referencia para discernir los valores y las deficiencias de todas las culturas, incluidas las indígenas. Por ello, el mayor tesoro que les podemos ofrecer es que lleguen al encuentro con Jesucristo resucitado nuestro salvador (n. 95).

Aparte de este subrayado que hace el Documento sobre los indígenas es del todo necesario destacar la mención especial que hace la Conferencia de los jóvenes, y afirmada por las Conferencias anteriores.

Los jóvenes y adolescentes, según el Documento, «constituyen la gran mayoría de la población de América Latina y del Caribe» (n. 443) y «representan un enorme potencial para el presente y el futuro de la Iglesia y de nuestros pueblos» (n. 443). Es la afirmación primordial con relación a la juventud, reconociendo su importancia demográfica y su potencial. En la oración final del Documento los obispos invitan a orar, también, por los jóvenes diciendo: «Quédate, Señor, con nuestros niños y con nuestros jóvenes, que son la esperanza y la riqueza de nuestro Continente, protégelos de tantas trampas que atentan contra su inocencia y contra sus legítimas esperanzas» (n. 554).



De modo especial, el Documento destaca cuatro cualidades juveniles[21]:

1) La sensibilidad. Los jóvenes «son sensibles para descubrir su vocación». Recuerda que Juan Pablo II los llamó «centinelas de la mañana» (n. 443). «Son capaces y sensibles para descubrir el llamado particular que el Señor Jesús les hace».

2) La generosidad. Los jóvenes son generosos para servir, especialmente a los más necesitados (n. 443).

3) La potencialidad. Los jóvenes «tienen la capacidad de oponerse a las falsas ilusiones de felicidad y a los paraísos engañosos de las drogas, del placer, del alcohol y de todas las formas de violencia» (n. 443).

4) La misionariedad. «Las nuevas generaciones», dice el Documento, «son llamadas a transmitir a sus hermanos y hermanas jóvenes la corriente de vida que procede de Cristo y a compartirla en la comunidad, construyendo la Iglesia y la sociedad» (n. 443).

La preocupación con respecto a la educación de los jóvenes aparece en varios lugares. En el n. 65 el Documento habla de los «jóvenes que reciben una educación de baja calidad y no tienen oportunidades de progresar en sus estudios ni de entrar en el mercado de trabajo para desarrollarse y constituir una familia» (n. 65). Llama la atención al respecto de lo que sucede en el campo de la educación, diciendo que se puede observar que, en el esfuerzo de adaptarse a las nuevas exigencias, se mira la educación en función de la producción, de la competitividad y del mercado. «Además, hay orientaciones que impiden que se manifiesten (en la vida escolar) los mejores valores de los

jóvenes, así como su espíritu religioso» (n. 328) y no se enseña a los jóvenes los caminos de superación de la violencia ni se los ayuda a llevar una vida sobria» (n. 328)[22]. Por eso, la Iglesia es llamada a promover una educación de calidad para todos, especialmente para los más pobres (n. 334), es decir, una educación «que ofrezca a los niños y niñas, jóvenes y adultos el encuentro con los valores culturales propios del país, descubriendo o integrando en ellos la dimensión religiosa y trascendente» (n. 334)[23].

En este sentido, el Documento de Aparecida no deja de sugerir pistas de acción para la evangelización de adolescentes y jóvenes. El Documento ya había afirmado, antes de hablar específicamente de los adolescentes y jóvenes, que «alienta nuestra esperanza la multitud de nuestros niños, los ideales de nuestros jóvenes y el heroísmo de muchas de nuestras familias que, a pesar de las crecientes dificultades, siguen siendo fieles al amor» (n. 127). Discurriendo sobre el ministerio de los presbíteros, insertos en la cultura actual, también ya había dicho que «el presbítero es llamado a conocerla para sembrar en ella, la semilla del Evangelio [...] comprensible, llena de esperanza y relevante para la vida del hombre y de la mujer de hoy, especialmente para los jóvenes» (n. 194). Preocupado con la pastoral vocacional, el Documento dice que «la realidad actual exige de nosotros más atención a los proyectos de formación de los Seminarios, pues los jóvenes son víctimas del influjo negativo de la cultura postmoderna, especialmente de los MCS» (n. 318).

Más aún: «Los jóvenes provenientes de familias pobres o de grupos indígenas, requieren formación inculturada, o sea, deben recibir la adecuada formación religiosa y espiritual, para su futuro ministerio, sin que eso les haga perder sus raíces» (n. 325) [24].





Y sugiere unas líneas de acción con relación a la atención de los adolescentes y jóvenes, que se especifican en el n. 446; a saber^[25]:

- renovar (en estrecha unión con la familia) la opción preferencial por los jóvenes, dando nuevo empuje a la Pastoral Juvenil en las comunidades;
- estimular los Movimientos eclesiales, invitándolos a que pongan más generosamente sus riquezas carismáticas, educativas y misioneras al servicio de las Iglesias locales;
- proponer a los jóvenes el encuentro con Jesucristo y su seguimiento en la Iglesia que les garantice la realización de su dignidad, los estimule a formar su personalidad, les proponga una opción vocacional y los introduzca en la oración personal, en la Lectio Divina, en la frecuencia a los sacramentos, en la dirección espiritual y en el apostolado;
- privilegiar en la Pastoral de la Juventud procesos de educación y maduración en la fe como respuesta de sentido y orientación de la vida y garantía de compromiso misionero;
- implementar una catequesis atractiva para los jóvenes introduciéndolos en el conocimiento del misterio de Cristo y mostrándoles la belleza de la Eucaristía dominical;
- una verdadera Pastoral de la Juventud ayudará a los jóvenes a que se formen, de modo gradual, para la acción social y política y para el cambio de estructuras, de acuerdo a la Doctrina Social de la Iglesia, haciendo propia la opción preferencial y evangélica por los pobres y necesitados;
- urgir la capacitación de los jóvenes para que tengan oportunidades en el mundo del trabajo y evitar que caigan en la droga y en la violencia;
- procurar una sintonía mayor entre el mundo adulto y el mundo juvenil en las metodologías pastorales;
- asegurar la participación de los jóvenes en peregrinaciones, Jornadas nacionales y mundiales de la Juventud con la debida preparación espiritual y misionera y en la compañía de sus pastores.

Resulta interesante que el Documento hable del acompañamiento o de la «compañía de los pastores» en estos eventos que conllevan esas líneas de acción; ya que no es deseable, en manera alguna, que los pastores lleguen a ser indeseados por los mismos jóvenes o que los pastores estén distanciados de sus ovejas, tal vez por no querer escuchar el espíritu misionero de una juventud dispuesta para ser el ser sacramento de la novedad no sólo en la Iglesia sino de lo que es sacramento: el Reino de Dios^[26].

Notas

- [16] Cf. Ramón Ovidio PÉREZ MORALES, Caminos de esperanza para el continente latinoamericano, 59-76
 [17] Cf. Agenor BRIGHENTI, «Énfasis pastorales en la Iglesia de América Latina y el Caribe», en Medellín 123 (2005) 375-398.
 [18] Alejandro GOIC, «Opción por los jóvenes: las visiones de Medellín y Puebla», en , 84.-86.
 [19] Sebastián MIER, «Los pueblos indígenas en Aparecida», en los-pueblos-indigenas-en-aparecida.html
 [20] Cf. Pedro JARAMILLO RIVAS, Aparecida. Guía para una lectura comunitaria del documento final, Imdo-soc, México 2007, 29-33.
 [21] Hilário DICKHICK, Los jóvenes en el documento de Aparecida, en sos/ recursos_archivos_1739_806.pdf
 [22] Cf. Pedro JARAMILLO RIVAS, Aparecida. Guía para una lectura comunitaria del documento final..., 67-70.
 [23] Cf. Ramón Ovidio PÉREZ MORALES, Caminos de esperanza para el continente latinoamericano..., 170-177.
 [24] Cf. Pedro JARAMILLO RIVAS, Aparecida. Guía para una lectura comunitaria del documento final..., 85-87.
 [25] <https://nuevomilenio.wordpress.com/tag/adolescentes-y-jovenes-en-aparecida/>
 [26] Hilário DICKHICK, Los jóvenes en el documento de Aparecida, en sos/ recursos_archivos_1739_806.pdf



P. José Luis Ferré Martí
Operario Diocesano



*Que no pueda decirse de un operario
que pudo hacer algún bien y no lo hizo*

Don Manuel Domingo

